

Psicologia e masculinidade no Brasil: revisão integrativa do período 2007-2016

Psychology and masculinity in Brazil: an integrative review of the period 2007-2016

Tiago de Matos Peixoto¹, Yago Luksevicius de Moraes²

RESUMO: Esse estudo consiste em uma revisão integrativa de literatura acerca do tema da psicologia masculina. Tendo como referências as produções nacionais presentes no período de 2007-2016. Utilizaram-se os descritores e derivados de "masculino", "psicologia" e "gênero". Quarenta e três artigos foram analisados integralmente. Houve predominância das pesquisas de natureza qualitativa (67,4%) de objetivos exploratórios (67,4%), com a prevalência do estudo de caso (25,6%) como desenho preferido e da entrevista (57,6%) como técnica de coleta. Dentre os temas identificados, organizados em eixos, destacaram-se as diferenças de gênero e a saúde do homem (27,9% cada). Identificou-se ainda preponderância de estudos com inconsistências e falta de clareza metodológica, presença de métodos de pesquisa não generalizáveis e ausência de temas pertinentes na pesquisa internacional.

Palavras-chave: Masculinidade; Gênero; Psicologia; Homens; Revisão Integrativa.

ABSTRACT: This study consists of an integrative review of literature on the subject of male psychology. With reference to the national productions present in the period 2007-2016. Descriptors and derivatives of "masculine", "psychology" and "gender" were used. Forty-four articles were analyzed in full. There was a predominance of qualitative research (68.2%) of exploratory objectives (65.9%) with the prevalence of case studies and the bibliographic research (27.3%, each), as preferred methods, and by the interview (60.9%), as collection technique. Among the identified themes, organized in axes, the gender differences and male health (27.3%, each) stood out. It was also identified preponderance of studies with inconsistencies and lack of methodological clarity, the presence of non-generalizable research methods and the absence of relevant themes in international research.

Keywords: Masculinity; Gender; Psychology; Men; Integrative Review.

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR)

² Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

Introdução

O debate sobre homens e gênero surgiu contemporâneo aos Movimentos de Liberação das Mulheres na década de 1970 no mundo anglófono. E apesar da masculinidade ser uma característica influente na dinâmica cultural, apenas nas últimas três décadas ela se tornou um construto dentro das ciências sociais (Kimmel, 1996). Nas décadas seguintes, os conhecimentos concernentes às temáticas da psicologia e da masculinidade se concentraram em eixos de pesquisa aplicada principalmente aos campos da educação, saúde, estudos sobre violência, paternidade e aconselhamento (Connell, 2005; Kiselica, 2010).

Estipula-se que os estudos no âmbito da ciência psicológica começaram a progredir no início da década de 80, como uma consequência da institucionalização do movimento feminista e dos estudos de gênero nas universidades estadunidenses (Levant, 1996). Assim, das produções pontuais e não sistemática a partir dos anos 60, chegamos a formalização da temática na criação da 51ª Divisão da *American Psychology Association* (APA), e na *Society for Psychological Studies of Men and Masculinities*, em 1995, assim como na criação do periódico *Psychology of Men and Masculinity*, em 2000, e, mais recentemente, da *Male Psychology Network* no Reino Unido, em 2014.

Os estudos sobre psicologia masculina e masculinidade eclodiram a partir da percepção de que os homens foram compreendidos como uma categoria genérica na psicologia, ou seja, não entendidos como seres "generificados", em que a experiência da masculinidade contribua para a saúde e os problemas sociais, mas como uma categoria social geral homogênea. Sendo a masculinidade entendida de diversas formas, desde um traço de personalidade biológico e estático a um papel ou função social construída e mesmo independente do sexo biológico (Mankowski & Maton, 2010).

Ao longo desta trajetória, na psicologia houve a centralização da discussão de gênero inicialmente numa abordagem essencialista no início do século XX, seguida por uma

abordagem centralizada na socialização, no final da década de 1960, num deslocamento de enfoque da biologia para as relações socialmente produzidas. A terceira abordagem, considerada pós-moderna, partiria da crítica aos modelos anteriores e da possibilidade de uma verdade universal, onde a linguagem e as relações sociais tornam-se centrais para o entendimento das relações de gênero (Nogueira, 2001).

Entende-se que os estudos críticos sobre o masculino emergem principalmente dos delineamentos da crítica epistemológica feminista decorrente das últimas décadas. Entre as maiores influências nas ciências sociais, às quais podemos associar a uma abordagem pós-moderna, está Connell (2005), que insere uma concepção de *masculinidades* vigentes no tecido social, disputando poderes e concorrendo por espaço político, criando-se a ideia de existirem em determinados tempos e culturas modelos de masculinidade hegemônicos, que ora subordinam, ora são subordinados. Tal concepção trouxe evidente repercussão e dinâmica aos estudos posteriores sobre homens e masculinidade.

Como contraponto à epistemologia feminista e pós-moderna, há uma tentativa de integrar as ciências humanas com as biológicas, em disciplinas como a psicologia evolutiva e a etologia humana, que se pautam em estudos empíricos transculturais e com animais não-humanos para compreender diferenças de gênero que teriam uma base biológica (ex.: Baumeister, 2010; Schmitt et al., 2017).

O nível de abrangência das pesquisas fica evidente, ao passo que se pode identificar desde pesquisas acerca de conceitos úteis para o atendimento psicoterapêutico de homens adultos (Rochlen, 2005), na intervenção em psicologia comunitária (Watts, 2010) até aquelas relativas à didática e ao ensino de psicologia masculina nos cursos de graduação (Robertson, 2013; Crapster & Elder, 2013).

Por outro lado, a psicologia brasileira, historicamente influenciada pela assunção de teorias estadunidenses e europeias desde a sua institucionalização e consolidação como

disciplina em solo nacional, tornou-se palco para a reprodução de uma perspectiva simplificadora sobre a temática do sexo e do gênero. Às diferenças sexuais e psicológicas são atribuídos o papel de reforçamento de desigualdades e invisibilidade de conflitos sociais mediante articulações teóricas embasadas desde a psicanálise até a teoria da evolução (Narvaz, 2009).

Mais recentemente, nos anos 2000, a eclosão de estudos sobre subjetividade masculina se acentuou depois da publicação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), em 2009. O campo de estudo da saúde do homem vem ganhando notoriedade, inclusive nas pesquisas internacionais, partindo de uma abordagem do processo saúde-doença, mas a partir de uma perspectiva relacional de gênero (Schwarz *et al.*, 2012).

Desta forma, os estudos sobre homens e psicologia masculina se dão de maneira dispersa na pesquisa nacional desde o início da inserção da temática nos campos de estudos científicos. Como uma forma de delinear um panorama das pesquisas sobre gênero, psicologia e masculinidade e identificar suas características, a presente revisão foi realizada.

Método

O método utilizado neste trabalho é a revisão integrativa. Este tipo de revisão consiste no levantamento sistemático e na análise de pesquisas em um determinado assunto, tendo um objetivo específico e possibilitando uma síntese do estado de conhecimento do assunto em questão e apontando lacunas que precisam ser preenchidas em futuras pesquisas.

Como numa revisão sistemática, o pesquisador deve realizar um levantamento sistemático dos estudos a serem incluídos para fazer uma análise ampla de toda a literatura levantada, diminuindo ao máximo possíveis vieses. Dentre os métodos de revisão, a revisão integrativa é a mais ampla, permitindo a inclusão de métodos tão diferentes quanto a inclusão simultânea de literatura empírica e teórica, aumentando a profundidade e abrangência da revisão (Mendes, Silveira & Galvão, 2008).

Foram levantados no Portal de Periódicos da CAPES, artigos nacionais publicados no período de 2007 a 2016, que contivessem o termo “psicologia” em qualquer campo e pelo menos um dos seguintes indexadores: “masculino”, “masculinidade” (e termos com o mesmo radical), “gênero”, “homem” e “homens”. Os indexadores foram escolhidos por estarem relacionados ao gênero masculino e adequados à literatura psi, de forma que termos como “diferenças sexuais” não foram levantados, dado que, atualmente, prefere-se reservar o termo “sexual” e suas derivantes a diferenças anátomo-fisiológicas.

Por último, foi feita uma pré-análise dos artigos, com base nos resumos encontrados, excluindo os duplicados e selecionando todos os que abordavam a subjetividade masculina. Sendo necessário discriminar artigos que abordassem homem como gênero ou como sinônimo de humano.

Análise de Dados

Após a tabulação de todos os artigos que cumpriram os critérios supracitados, os artigos foram lidos na íntegra, classificados, num processo duplo cego, quanto à sua natureza, objetivo e procedimento. Também foram catalogados os instrumentos de coleta de dados e os temas abordados, que foram organizados em eixos temáticos principais, e cada autor elaborou um memorando com as principais observações qualitativas a respeito de cada artigo.

Terminado esse processo, os autores compararam suas classificações e mediram o grau de concordância de juízes, o kappa (κ) de Cohen, com o auxílio do *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS, v. 21. O kappa de Cohen é o índice de fiabilidade entre dois ou mais avaliadores mais utilizado para classificações nominais, usando com frequência na pesquisa em psicologia. Seu valor é apresentado num continuum entre 0 (zero) e 1 (um), sendo 0 igual a nenhuma concordância e 1 equivale a concordância total. (Fonseca, Silva & Silva, 2007). Nos casos em que houve discordância, os autores conversaram sobre o motivo de suas classificações e debateram qual a categoria final mais adequada.

Resultados e discussão

Conforme consta na tabela 1, foram encontrados, ao todo, 482 artigos, sendo que apenas 48 (10,0%) se qualificaram para o presente estudo, sendo 17 de radical masculin-, 8 de radical homem(ns) e 23 com o termo gênero, conforme tabela 1. Excluindo-se duplicados, terminamos com um total de 44 artigos.

Tabela 1

Quantidade por indexador de artigos encontrados, aceitos e grau de aproveitamento

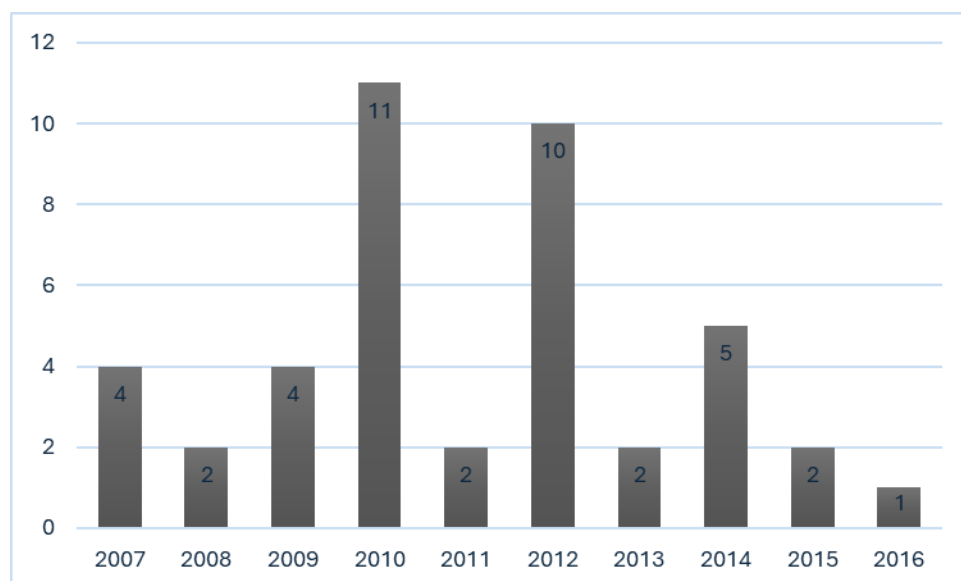
Palavra-chave	Quantidade encontrada	Quantidade aceita para o estudo	Aproveitamento
Gênero	431	23	5,30%
Homem	10	5	50,00%
Homens	4	3	75,00%
Masculina	8	4	50,00%
Masculinas	3	0	0,00%
Masculinidade	14	9	64,30%
Masculino	11	3	27,30%
Masculinos	1	1	100,00%
Total	482	48	10,00%

Fonte. Os autores.

Quanto aos periódicos de publicação, os artigos foram distribuídos em 19 revistas diferentes, com maior participação das revistas “Psico” (n = 9 ou 20,9%) e “Psicologia & Sociedade” (n = 5 ou 11,6%), outras quatro revistas tiveram três publicações, quatro tiveram duas publicações e as nove restantes tiveram uma publicação cada. Quanto ao ano de publicação, podemos perceber na figura 1 que o número de publicações sofre flutuações, resultando numa média de $4,3 \pm 3,5$ artigos por ano, sendo 2010 o ano com mais publicações (n=11) e 2016 o ano com menos publicações (n=1). Assume-se que o aumento diferencial de publicações em 2010 deve-se ao lançamento da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) no ano anterior e o consequente aumento de artigos sobre saúde do homem.

Figura 1

Quantidade de artigos psicológicos sobre homens e masculinidade publicados por ano



Fonte. Os autores.

Quanto à natureza da pesquisa, houve concordância em 42 artigos (97,7%), resultando num grau de concordância (κ) de 0,9, o que equivale a uma ótima concordância. Após debatermos sobre os artigos em que não houve concordância, chegamos a um consenso de que 29 (67,4%) artigos são de natureza qualitativa e 14 (32,6%) são quantitativos. Uma das características dos estudos qualitativos de serem adequados para o aprofundamento de questões subjetivas, assumindo uma posição não neutra do pesquisador e por este motivo e pela natureza do objeto que buscam estudar, não tendem a não serem replicáveis ou generalizáveis (Appolinário, 2006).

Quanto aos objetivos, houve concordância em 28 (65,1%) categorizações, com índice κ (κ) igual a 0,3, um grau de concordância pobre. Após deliberarmos sobre as discordâncias, concordamos que 29 (67,4%) artigos são exploratórios, 11 (25,6%) são descritivos e 3 (7,0%) são explicativos. A maioria das publicações foi considerada exploratória, cujo objetivo é proporcionar maior familiaridade com o tema, construir hipóteses, aprimorar ideias e suscitar o descobrimento de intuições (Gil, 2002).

O baixo κ pode ser devido à falta de clareza dos objetivos nas obras de referência, mas acreditamos que, em geral, foi em decorrência de os estudos apresentarem características mistas. Dessa forma, a classificação levou em consideração o elemento textual que se destacava como a descrição ou explanação de temas, ou a explicação por nexos causais.

Alguns artigos de delineamento exploratório foram reclassificados como explicativos, porque a linguagem adotada mantinha uma linha de argumentação predominantemente explicativa, apesar de quatro das cinco publicações consideradas explicativas serem revisões narrativas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento de uma temática, mas cuja fonte e seleção das produções escritas não é frequentemente não-específica, potencialmente gerando vieses (Rother, 2007).

Quanto ao método de pesquisa, houve concordância em 36 (83,7%) publicações, $\kappa=0,8$, uma boa concordância e, como podemos ver na tabela 2, há o predomínio de Estudos de Caso, Levantamentos e Pesquisas Bibliográficas, que juntos somam 30 (69,8%) publicações.

Tabela 2

Quantidade de artigos por método de investigação

Método utilizado	Frequência absoluta	Frequência relativa
Estudo de Caso	11	25,58%
Levantamento	10	23,26%
Bibliográfica	9	20,93%
Estudo de campo	5	11,63%
Participante	4	9,30%
Experimental	2	4,65%
Documental	2	4,65%
Total Geral	43	100,00%

Fonte. Os autores.

O método mais usado foi o estudo de caso, empregado em um terço das publicações, que é um método empregado nas ciências biomédicas e humanas e adequado para quando há ausência de limites claros entre fenômeno e contexto, caracterizando-se como um estudo profundo que permite um conhecimento amplo e detalhado de um objeto particular e auxilia no levantamento de hipóteses e desenvolvimento de teorias. Seus principais ônus seriam a falta de rigor metodológico (baixo nível de estruturação), vieses frequentes, baixa generalização e alta demanda de tempo para resultados pouco consistentes (Gil, 2002).

Quanto às técnicas de coleta de dados, houve predominância do instrumento único ($n = 21$ ou 63,6% dos estudos empíricos), com destaque para a entrevista ($n = 19$ ou 57,6%) que é seguida pelos questionários ($n = 8$ ou 24,2%) e técnicas grupais ($n = 7$ ou 21,2%) (grupo focal, teatro fórum, etc.). Quanto aos temas, $\kappa = 0,626$, uma concordância entre regular e bom. Os temas puderam ser divididos em grupos gerais, em ordem decrescente de ocorrência, em “saúde”, “diferenças de gênero”, “violência”, “identidade de gênero”, “outros” e “sexualidade”, conforme a distribuição da tabela 3.

Tabela 3

Quantidade de artigos por tema

Temas	Frequência absoluta	Frequência relativa
Diferenças de gênero	12	27,91%
Saúde	12	27,91%
Violência	5	11,63%
Identidade de gênero	5	11,63%
Outros	5	11,63%
Sexualidade	4	9,30%
Total Geral	43	100,00%

Fonte. Os autores.

Saúde

A categoria “saúde” é dividida em comportamentos e opiniões masculinas em relação à saúde (8) e uso de álcool e/ou drogas (4). Sendo que todos os quatro estudos sobre álcool e/ou drogas (Hess, Almeida & Moraes, 2012, Marín-León, Oliveira & Botega, 2007; Scheffer, Pasa & Almeida, 2010 e Tavares, Scheffer & Almeida, 2012) destacaram que ser homem acarreta maiores chances de uso abusivo de substâncias psicoativas, problemas de saúde ou morte relacionada a essas substâncias. Porém, os motivos ou consequências disso não foram debatidos.

Quanto aos estudos sobre saúde do homem, cinco (Borges & Seidl, 2012; Costa-Júnior & Maia, 2009; Mendonça & Andrade, 2010; Nascimento et al., 2011; Paim et al., 2014) defenderam que a sociedade entende “ser homem” com ser assertivo, dominador, controlador, forte e reprimir seus sentimentos. Todos, somados também a Pereira & Barros (2015), concluíram que homens usam pouco os serviços de saúde por associarem doença e fragilidade com feminilidade, enquanto ser homem é ser invulnerável. Outros motivos levantados pelos pesquisadores para justificar por que homens são remediativos e mulheres preventivas, para utilizar os termos de um dos trabalhos, foram a falta de campanhas, de tempo e, como homens associam o cuidar da saúde com práticas individuais, o tratamento também é individual. Na mesma linha, Martins et al (2014) que entrevistaram psicólogos atuantes na área oncológica, levantaram não haver programas específicos para homens devido às dificuldades burocráticas e estruturais, mas essas mesmas dificuldades não os impediam de realizar programas específicos para mulheres.

Borges e Seidl (2012) e Pinheiro, Couto & Silva (2012) constataram que apesar de quase não usarem os equipamentos de saúde, os participantes tendiam a apresentar, pelo

menos um comportamento entendido como saudável consigo mesmos e com a família e avaliam a sua saúde com base nas limitações percebidas.

Outra publicação investigou a opinião dos homens sobre a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (Mendonça & Andrade, 2010) e mais da metade dos participantes foram a favor da política e os demais foram contra, alegando que isso era segregação sexual, sendo contrários a existência de programas voltados para um sexo e não para o outro (eles não sabiam que a Política Nacional de Saúde da Mulher já existia desde a década de 80) e, em outro trabalho (Pinheiro et al., 2012), os homens reclamaram da falta de especificidade de ações para homens.

Diferenças de gênero

A categoria “diferenças de gênero” gerou certa dificuldade de categorização, pois se dividiu em artigos que tinham como objetivo verificar semelhanças e/ou diferenças entre homens e mulheres (n=10) e aqueles que não tinham as diferenças de gênero como objetivo (n=2), mas cujas discussões associadas foram encontradas em seus resultados e mencionadas no resumo e palavras-chave, o que acarretou captura durante a pré-análise, e não se encaixaram em nenhuma outra categoria.

As diferenças analisadas são tão distintas que chega a ser difícil uni-las em subcategorias. Por exemplo, um dos artigos avaliou a divisão de tarefas domésticas em casais que trabalham no mesmo ramo (Jablonski & Silva, 2011). Nessa pesquisa, os autores afirmam que mulheres, ao trabalharem fora de casa e realizarem trabalhos domésticos, realizam dupla jornada de trabalho, subentendendo-se que os homens trabalham menos por terem só uma jornada de trabalho.

Outro estudo pesquisou diferenças de temperamento em estudantes de Psicologia (Dutra & Silva, 2014) e a única diferença encontrada foi um maior grau de ansiedade em homens, mas o estudo tem limitações relativas à amostra, pois se considerarmos que a

Psicologia é uma área predominantemente feminina, já que 88% dos profissionais brasileiros é do sexo feminino (Conselho Federal de Psicologia, 2013) é possível que a amostra masculina não seja representativa do homem típico.

O estudo sobre a manifestação do ciúme não encontrou diferenças significativas (Carvalho & Ambiel, 2016) e o estudo sobre a relação entre gênero e estilo cognitivo dependência-independência de campo (Magalhães, Borghetti & Leiria, 2010) teve resultados ambivalentes sobre essa relação, mas homens apresentaram maior independência de campo, como sugerido pela literatura na área.

Uma das pesquisas menciona que meninos tendem a ter pior desempenho acadêmico que meninas (Freire et al., 2009) e considerou o desempenho acadêmico uma forma de exclusão e desigualdade, além de considerar as diferenças como determinadas pela cultura. Curiosamente, nos resultados, menciona apenas aspectos considerados negativos dos homens (ex.: violento, alcóolatra, frio e severo), enquanto apenas adjetivos positivos foram usados para se referir às mulheres (ex.: preocupadas com o amor, flexíveis e pacientes).

Este fenômeno é relatado na literatura como *women-are-wonderful effect* ou efeito ‘mulheres são magníficas’. Paradoxalmente, tal fenômeno tende a ser maior em sociedades consideradas mais misóginas (Gilmore, 2001). De maneira geral, o efeito diz respeito ao fato de que as mulheres são avaliadas mais positivamente em sociedades desiguais, tais como o Brasil (Krys et al., 2017), podendo se desdobrar no viés “mulheres são boas, homens são maus”. De acordo com Glick e Fiske (2001), este sexismo benevolente pode auxiliar na perpetuação das desigualdades entre gêneros, mas, evidentemente, de maneira menos clara que um sexismo considerado "antipático" para com as mulheres.

O viés indicado, aparentemente, também se apresenta no estudo supracitado quando os meninos acusam as professoras de protegerem as meninas ou fazem comentários depreciativos sobre as meninas e as autoras acusam os meninos de estarem reproduzindo o

papel de dominador, mas nada mencionam quando as meninas fizeram comentários depreciativos sobre os meninos, indicando que as autoras avaliam o mesmo fenômeno com base num duplo padrão, no qual o gênero masculino é retratado de forma negativa e o feminino positivamente. Atitudes semelhantes por parte dos pesquisadores foram encontradas na maioria dos estudos apreciados.

Outro estudo sobre a educação identificou que meninos apresentam mais problemas comportamentais em sete das catorze escalas utilizadas como medida, não havendo diferenças significativas nas outras sete escalas (Emerich, Rocha, Silveiras & Gonçalves, 2012). Contudo 87% das crianças foram avaliadas por suas mães ou outras mulheres sem treinamento. Dado que os sexos tendem a ter motivações e comportamentos diferentes, é possível que as mulheres compreendam de forma particular os comportamentos femininos e não os vissem como um problema ou aspecto negativo (Baumeister, 2010; Groth, 2013).

Por outro lado, um estudo sobre casais que realizaram o procedimento de fertilização in vitro (Makuch & Filetto, 2010) sugere que os homens não consideravam essencial ter um filho, mas realizaram o procedimento para realizar o desejo da companheira, e sua participação só recebia atenção na coleta do espermatozoide, corroborando com estudos que denunciam uma aparente invisibilidade paterna nos serviços obstétricos (Espírito Santo & Bonilha, 2000; Fenwick, Bayes, & Johansson, 2001; Oliveira & Silva, 2012). Outro trabalho sobre diferenças na capacidade de reconhecer emoções indica que homens reconhecem expressões de alegria mais facilmente, enquanto mulheres reconhecem melhor a tristeza, não havendo diferenças significativas no reconhecimento de outras emoções (Pinto et al., 2013)

Por fim, dois estudos investigaram a preferência de crianças por brincadeiras e sexo dos pares (Menezes & Brito, 2013; Menezes et al., 2010). As pesquisas encontraram na literatura indícios que o dimorfismo nas preferências surge muito precocemente, antes das crianças conseguirem fazer associações do tipo “isso é de menino, aquilo é de menina”,

havendo preferência por brincadeiras agitadas, como correr e lutar, pelos meninos, e brincadeiras que envolvem mais interações sociais entre meninas. Em ambos, o dimorfismo de preferências foi confirmado e identificado que as crianças tendem a brincar com outras crianças do mesmo sexo, mas, ao contrário do que se poderia supor, um dos estudos concluiu que as crianças não preferem brincar com pares do mesmo sexo por serem do mesmo sexo, mas porque crianças do mesmo sexo preferem os mesmos tipos de brincadeiras (Menezes & Brito, 2013), corroborando a hipótese de que as diferenças de gênero também podem ser avaliadas como decorrentes de diferenças motivacionais com bases biológicas (Baumeister, 2010; Berenbaum & Hines, 1992).

Dos artigos que não tinham o objetivo de investigar as diferenças de gênero, um explorou o amor na terceira idade (Kinas & Vendruscolo, 2010) e o último artigo dessa categoria investigou a concepção de adolescência para adolescentes (Ozella & Aguiar, 2008). Foi concluído que adolescentes masculinos de todas as classes e etnias associam a vida adulta com responsabilidade, trabalho e sofrimento, definindo-se pelo que fazem, vivenciam e observam, enquanto as moças das classes A e B, brancas e orientais, falam de autonomia e formar uma família só com pontos positivos, enquanto as de classe C a E mencionam o sofrimento da vida adulta. As adolescentes femininas usam mais sentimentos e emoções para se definirem, enquanto os masculinos usaram vivências, experiências e observações pessoais, características previamente documentadas por Kiselica (2010) e Ramos e Lencastre (2013). O gênero foi considerado a variável mais importante nas diferenças de concepção e concluiu-se que a mulher jovem é a principal reprodutora da ideologia dominante sobre os gêneros, pois é ela quem mantém os valores familiares.

Violência

Em relação à categoria “violência”, todos os cinco estudos abordaram a violência do homem contra a mulher, dos quais três (Beiras, Moraes, Alencar-Rodrigues & Cantera, 2012;

Pinto, Meneghel & Marques, 2007; Winck & Strey, 2008) consideraram a violência de gênero como unidirecional do homem contra a mulher, consequência de uma reprodução de estereótipos culturais que ensinam o homem a ser violento, autoritário e embotado afetivamente. Uma pesquisa (Oliveira, 2014) almejou trazer evidências da existência do sexismo usando situações que teriam resultados semelhantes se os sexos fossem invertidos, abordando a violência do homem contra a mulher como uma opressão normatizada inaceitável. Esses trabalhos, contudo, carecem de definições específicas sobre o que poderia ser considerado opressão e violência contra a mulher ou como teriam surgido esses estereótipos culturais reproduzidos e seguem a lógica do sexismo ambivalente (i. e. “mulheres são boas, homens são maus”).

Por outro lado, Pinto et al. (2008) apresentaram exemplos de violência bilateral, mas ignoraram a violência da mulher contra o homem. Foi alegado que as mulheres não podem agredir com a mesma intensidade, o que contraria estudos já existentes sobre a capacidade de dano de agressões executadas por mulheres (ex.: French et al, 2014; Zaleski et al., 2010).

Oliveira (2014) abordou enfaticamente a importância do feminismo nos estudos sobre violência intergêneros, enquanto Meurer e Strey (2012) abordaram o assédio sexual, mas diferente dos outros, dizem que estudar diferenças de comportamento entre homens e mulheres é aceitar que tais características não podem ser mudadas.

Identidade de gênero

Nesta categoria, houve cinco artigos (Almeida & Barbosa, 2014; Bordini & Sperb, 2012; Sampaio & Garcia, 2010; Silva & Macedo, 2012; Watarai & Romanelli, 2010) que se propuseram a falar sobre a identidade masculina ou sobre a representação social do que é ser homem (e mulher, em alguns casos). Dois trabalhos usaram uma amostra de adolescentes. Watarai e Romanelli (2010), pesquisaram uma amostra masculina para compreender o papel do trabalho remunerado na construção da identidade dos adolescentes, levantando o possível

papel do auxílio no sustento econômico da família. Bordini e Sperb (2012) pesquisaram uma amostra mista sobre as concepções de gênero da amostra. Estes afirmam terem identificado um padrão de hipersexualização masculina e hipossexualização feminina e que ambos os sexos seguem modelos ditos hegemônicos.

Um dos artigos investigou o discurso de psicanalistas clínicos sobre o atendimento a homens (Silva & Macedo, 2012). Os participantes alegam que os homens são guiados por valores patriarcais, desejam mais poder (ser não castrado) e têm saudades de serem “reis absolutos”, de forma que o sofrimento masculino é resultado da maior equidade entre os sexos. Nesta linha, Sampaio e Garcia (2010), em sua revisão narrativa baseada numa perspectiva associativa da psicanálise com a literatura feminista, postulam que a masculinidade é uma ilusão construída culturalmente, sem fundamentos biológicos ou ambientais.

O último trabalho (Almeida & Barbosa, 2014) afirma que o homem é violento e que isso é uma característica do patriarcalismo. Aparentemente, o delineamento está restrito à perspectiva de confirmação da hipótese dos próprios autores, pois não permite discutir o determinismo patriarcal nem conversa com outras hipóteses, ignorando a existência de violência em culturas não-patriarcais (Gilmore, 1990) e que, embora mulheres sejam socialmente representadas como dóceis, elas podem ser tão violentas quanto os homens visto os estudos que destacam haver simetria de gênero em violência conjugal e coerção sexual (Alvim e Souza, 2005; Zaleski et al., 2010; Zohab, 2013).

Outros

Nesta categoria, duas publicações eram referentes ao feminismo (Azerêdo, 2010; Silva & Amazonas, 2009), ao movimento queer (Galindo & Mélo, 2010), ao sentido do trabalho social (Curado & Menegon, 2009) e à paternidade (Sutter & Maluschke, 2008). Dois (Azerêdo, 2010; Galindo & Mélo) desses trabalhos se destacaram pelo uso de uma linguagem

rebuscada, incongruente com trabalhos de cunho científico e associando os estudos de gênero a alguma perspectiva política. Para Curado e Menegon (2009), o foco recai sobre a desvalorização da mulher e da feminilidade, onde o cuidar é entendido como uma atividade feminina, subentendendo o homem como um polo oposto.

Silva e Amazonas (2009) expõem sobre a identidade e os papéis femininos, alegando que a sociedade vê a mulher como subordinada ao homem e que, antigamente, a mulher era obrigada a ser mãe e o homem não teria obrigação equivalente. Também replica o conhecido dualismo essencialismo versus construtivismo e, embora associados à perspectiva feminista, apresentam falhas do feminismo que resultam na reprodução e generalização maniqueísta, além de considerar vazia de propósito a interpretação dos fenômenos.

Já Sutter e Maluschke (2008) valorizaram apenas os cuidados diretos na criação dos filhos (ex.: alimentar e brincar), nomeada como dimensão da interação/envolvimento e relativizaram ou minimizaram a pertinência dos cuidados indiretos, como o sustento econômico (a dimensão da responsabilidade), comumente conferido pelos pais.

Sexualidade

Por último, a categoria “sexualidade” foi composta por três artigos sobre homossexualidade, produzidos por Menezes, Brito e Henriques (2010), Souza, Silva e Carrieri (2012) e Souza Neto e Rios (2015) e um estudo de caso sobre a sexualidade de um homem cadeirante de Silva e Albertini (2007). O primeiro é uma revisão narrativa sobre a homossexualidade do ponto de vista evolucionista, conversando com diversos pontos de vista. O segundo trabalho que versou sobre homossexualidade se propôs a investigar a discriminação ou inclusão de profissionais masculinos homossexuais e o último alegou ser um estudo etnográfico sobre prostituição masculina homossexual alegando que a homossexualidade masculina é diferente da feminina, mas não caracterizando tais diferenças. Ademais, considerou a homossexualidade como uma característica identitária que aumenta a

segregação ao invés de combatê-la, mas, paradoxalmente, os próprios autores consideraram a homossexualidade como uma característica identitária a fim de combater a segregação aos homossexuais. E por fim, o último artigo se propunha a discorrer sobre a sexualidade de um homem cadeirante, mas terminou por enfatizar a ideia da naturalização da violência por parte dos pais (Silva & Albertini, 2007).

Considerações Finais

Apesar de a maioria dos estudos ter um delineamento de natureza, objetivo e método que não permitem generalizações, essas não foram poupadas, havendo publicações que fizeram generalizações à toda a população masculina com base no comportamento de amostras pequenas e cujas amostras não tiveram seus critérios de eleição especificados. É importante mencionar que poucos trabalhos sustentaram uma análise ponderada em relação às diferenças entre gêneros, fundamentaram-se em dados empíricos, dialogaram com teorias contrastantes ou fizeram generalizações apenas na medida que os objetivos e métodos do estudo permitiam.

Neste panorama, a percepção de vieses pró-mulher em algumas pesquisas, seguindo o *efeito mulheres são magníficas* pode dificultar no entendimento de quando a pesquisa científica ou o discurso popular pode auxiliar na perpetuação de sexismos que podem influenciar no entendimento da psicologia masculina e do fenômeno das masculinidades.

Ficou evidente, na fase inicial da apreciação de artigos, uma quase integralidade dos artigos encontrados com termo gênero referindo-se a estudos sobre mulheres ou revisões sobre o próprio conceito de gênero. Ademais, ainda não há periódicos nacionais cujo escopo se direcione para a abordagem específica da população masculina, como as revistas estadunidenses *Psychology of Men and Masculinity* e *Journal of Men's Studies* e a australiana *New Male Studies*. Pela ausência de achados, não há destaque do tema masculinidade e psicologia nem nas revistas nacionais indexadas voltadas às temáticas de gênero e/ou estudos

feministas, especialmente considerando que nenhuma delas chegou a publicar uma média de um artigo por ano.

A partir desta revisão integrativa, através da análise apresentada, visualizamos a necessidade de avanços em termos de metodologia e instrumentos dentro das pesquisas sobre psicologia, masculinidade e gênero como meios de atenuar potenciais vieses conferidos pelo caráter sociopolítico que eventualmente atravessa a temática. Assim, como a necessidade de ampliação dos estudos acerca deste público de maneira sistematizada e em afinidade com as produções internacionais.

Foram identificados ausência ou baixa expressão de pesquisas comparando processos entre e intra-gêneros, no que concerne a subjetividade masculina, assim como os processos de saúde e o adoecer masculino e eventuais estratégias de adesão aos cuidados com a saúde masculina. Da mesma forma, número reduzido de pesquisas sobre violência com uma abordagem bilateral da violência conjugal e os autores deixam a desejar na clareza teórica e metodológica.

Explicitamos que este estudo é limitado aos estudos indexados no Portal de Periódicos da CAPES com as palavras-chaves mencionadas. Isso explica a baixa quantidade de alguns temas, como a paternidade por exemplo. Assim, faz-se necessário que artigos associados à parentalidade incluam descritores relacionados à masculinidade/feminilidade e homem/mulher, para poderem ser incluídos em revisões sobre a literatura de gênero, bem como a inclusão de temas que têm despertado interesse internacional, como imagem corporal, pornografia, diferenças em aptidões, diferenças em intervenções de saúde e educação.

Referências

- Almeida, A. M., Barbosa, A. M. (2015). A Honra Como Reafirmação da Identidade Masculina no Conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, de João Guimarães Rosa. *Revista Ártemis*, 18(1). Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/22549>.
- Alvim, S. F.; & Souza, L. de. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: teoria e prática*, 7(2), pp. 171-206. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v7n2/v7n2a07.pdf>
- Appolinário, F. (2006). *Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Azerêdo, S. (2010). Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. *Revista Estudos Feministas*, 18(1), 175–188. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000100011>
- Baumeister, R. F. (2010). *Is there anything good about men? How culture flourished by exploiting men*. New York: Oxford University Press
- Beiras, A., Moraes, M., Alencar-Rodrigues, R. de, & Cantera, L. M. (2012). Políticas e leis sobre violência de gênero: reflexões críticas. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 36–45. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000100005>
- Berenbaum, S. A., & Hines, M. (1992). Early Androgens Are Related to Childhood Sex-Typed Toy Preferences. *Psychological Science*, 3(3), 203–206. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.1992.tb00028.x>
- Bordini, G. S., & Sperb, T. M. (2012). Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 25(4), 738–746. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000400013>

- Borges, L. M., & Seidl, E. M. F. (2012). Percepções e comportamentos de cuidados com a saúde entre homens idosos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 66–81. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000100006>
- Carvalho, L. de F., & Ambiel, Rodolfo A. M.. (2016). Diferenças entre os sexos no ciúme romântico: um estudo brasileiro. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 34(1), 143-155. DOI: <https://doi.org/10.12804/apl34.1.2016.10>
- Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Protagonismo feminino*. Recuperado de: http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/175/frames/fr_panorama.aspx
- Conceição, T. B., Bolsoni, C. C., Lindner, S. R., & Coelho, E. B. S. (2018). Assimetria e simetria de gênero na violência por parceiro íntimo em pesquisas realizadas no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(11), 3597–3607. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.23902016>
- Connell, R. W. (2005). *Masculinities* (2nd ed.). Los Angeles: University of California Press
- Costa-Júnior, F. M., & Maia, A. C. B. (2009). Concepções de homens hospitalizados sobre a relação entre gênero e saúde. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(1), 55–63. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000100007>
- Crapster, B. G., Elder, W. B. (2013) Graduate students teach the psychology of men: challenges and implications. *Psychology of Men & Masculinity*, 14(3), 256-263. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0033256>
- Curado, J. C., & Menegon, V. S. M. (2009). Gênero e os sentidos do trabalho social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 431–441. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300017>

- Dutra, L. A. F. C., Silva, C. H. N. (2014). A relação entre o gênero e a expressão do temperamento. *Vale*, 12(1), 432-436. DOI: <http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v12i1.1283>
- Emerich, D. R., Rocha, M. M., Silves, E. F. de M., & Gonçalves, J. de P. (2012). Diferenças Quanto ao Gênero entre Escolares Brasileiros Avaliados pelo Inventário de Comportamentos para Crianças e Adolescentes (CBCL/6-18). *Psico*, 43(3).
- Espírito Santo, L. C. do; & Bonilha, A. L. L. (2000). Expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o parto e nascimento. *Revista gaúcha de enfermagem*, 21(2), 87-109.
- Fenwick J, Bayes S, Johansson M (2011) A qualitative investigation into the pregnancy expectations of Australians fathers-to-be. *Sexual & reproductive healthcare* 3(1), 3-9. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.srhc.2011.11.001>
- Fonseca, R., Silva, P, Silva, R. (2007). Acordo inter-juízes: o caso do coeficiente kappa. *Laboratório de psicologia*, 5(1), 81-90.
- Freire, S. F. de C. D. F., Sabarense, S., & Branco, A. U. (2009). A perspectiva das crianças sobre questões de gênero na escola. *Psico*, 40(2).
- French, B. H., Tilghman, J. D., & Malebranche, D. A. (2014). Sexual coercion and psychological correlates among diverse males, *Psychology of men & masculinity*, 16, 42-53. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0035915>
- Galindo, D., & Mélo, R. P. (2010). Pirataria de gênero: experimentos estéticos queer-copyleft. *Psico*, 41(2).
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gilmore, D. D. (1990) *Manhood in the making: Cultural concepts of masculinity*. New Haven, NY: Yale University Press.

- Gilmore, D. D. (2001). *Misogyny: the male malady*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An ambivalent alliance: Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *American Psychologist*, 56(2), 109-118.
- Hess, A. R. B., Almeida, R. M. M. de, & Moraes, A. L. (2012). Comorbidades psiquiátricas em dependentes químicos em abstinência em ambiente protegido. *Estudos De Psicologia (Natal)*, 17(1), 171–178. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000100021>
- Jablonski, B., & Silva, M. S. (2011). D(e)scolar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas. *Psicologia em Revista*, 17(2), 196-210.
- Kimmel, M. S. (1996). *Manhood in America: a cultural history*. New York: Free Press.
- Kinas, R., & Vendruscolo, G. B. B. (2010). O despertar do amor nos bailes da Terceira Idade. *Psico*, 41(1).
- Kiselica, M. S. (2010). Promoting Positive Masculinity While Addressing Gender Role Conflict: A Balanced Theoretical Approach to Clinical Work with Boys and Men. In: C. Blazina & D. S. Shen-Miller (Eds.). *An international psychology of men* (pp. 127-156). New York: Routledge.
- Krys, K., Capaldi, C. A., Van Tilburg, W., Lipp, O. V, Bond, M. H. at al (2017). Catching up with wonderful women: the women-are-wonderful effect is smaller in more gender egalitarian societies. *International Journal of Psychology*. DOI: <https://doi.org/10.1002/ijop.12420>
- Levant, R. F. (1996) The new psychology of men. *Professional Psychology: Research and Practice*, 27(3), 259-265.

- Magalhaes, M. O., Borghetti, C. C., & Leiria, L. M. da R. (2010). Relação entre o estilo cognitivo dependência-independência de campo e prática desportiva. *Psico*, 41(4).
- Makuch, M. Y., & Filetto, J. N. (2010). Procedimentos de fertilização in vitro: experiência de mulheres e homens. *Psicologia Em Estudo*, 15(4), 771–779.
- Mankowski, E. S., Maton, K. I. (2010) A community psychology of men and masculinity: historical and conceptual review. *American Journal of Community Psychology*, 45, 73-86. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10464-009-9288-y>
- Marín-León, L., Oliveira, H. B., Botega, N. J. (2007). Mortalidade por dependência de álcool no Brasil: 1998 - 2002. *Psicologia Em Estudo*, 12(1), 115–121. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000100014>
- Martins, A. M., Gazzinelli, A. P., Schall, V. T., & Modena, C. M. (2014). Relações de Gênero e a Atuação de Psicólogos na Oncologia: Subsídios para a Saúde Masculina. *Psico*, 45(1), 7–14. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.1.11998>
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. de C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & contexto – enfermagem*, 17(4), 758-764. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>
- Mendonça, V. S., & Andrade, A. N. de. (2010). A Política Nacional de Saúde do Homem: necessidade ou ilusão?. *Revista Psicologia Política*, 10(20), 215-226.
- Menezes, A. B. de C., & Brito, R. C. S. (2013). Diferenças de gênero na preferência de pares e brincadeiras de crianças. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 26(1), 193–201. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000100021>

- Menezes, A.B. de C., Brito, R. C. S., Figueira, R.A., Bentes, T.F., Monteiro, E.F., & Santos, M.C. (2010). Compreendendo as diferenças de gênero a partir de interações livres no contexto escolar. *Estudos de psicologia (Natal)*, 15(1), 79–87. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000100011>
- Menezes, A. B., Brito, R. C. S., & Henriques, A. L. (2010). Relação entre gênero e orientação sexual a partir da perspectiva evolucionista. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 26(2), 245–252. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200006>
- Meurer, B.; Srey, M. N. (2012) Problematizando as práticas psicológicas no modo de compreender o fenômeno assédio moral. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília*, 32(2), p. 452-471. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000200013>
- Narvaz, M. G. (2009). A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Nascimento, A. R. A. do, Trindade, Z. A., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). Homens brasileiros jovens e representações sociais de saúde e doença. *Psico-usf*, 16(2), 203–213. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000200009>
- Nogueira, C. (2001). Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. *Cadernos de Pesquisa*, (112), p.137-153.
- Oliveira, É. C. S. (2014). "Eu também sei atirar!": Reflexões sobre a Violência contra as Mulheres e Metodologias Estético Políticas. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 34(3), 555–573. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000722013>
- Oliveira, A. G., Silva, R. R. (2012). Parto também é assunto de homem: uma pesquisa clínico-qualitativa sobre a percepção dos pais acerca de suas reações

- psicológicas durante o parto. *Interação em psicologia*, 16(1), 113-123. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v16i1.22970>
- Ozella, S., Aguiar, W. M. J. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos De Pesquisa*, 38(133), 97–125. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742008000100005>
- Paim, T. D., Reginaldo, T., Luz Filho, S. S. (2014). Subjetividade masculina e o cuidado em saúde na atenção primária. *Vale*, 12(1), 356-365. DOI: <http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v12i1.1372>
- Pereira, M. C. A., & Barros, J. P. P. (2015). Públicos masculinos na estratégia de saúde da família: Estudo qualitativo em Parnaíba-PI. *Psicologia & Sociedade*, 27(3), 587–598. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p587>
- Pinheiro, T., Couto, M., & Silva, G. N. da. (2012). Homens e cuidado: Construções de masculinidades na saúde pública brasileira. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 2(2), 177-195.
- Pinto, B. M. C., Dutra, N. B., Filgueiras, A., Juruena, M. F. P., & Stingel, A. M. (2013). Diferenças de gênero entre universitários no reconhecimento de expressões faciais emocionais. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 31(1), 200-222.
- Pinto, A. D. C., Meneghel, S. N., & Marques, A. P. M. K. (2008). Acorda Raimundo! homens discutindo violências e masculinidade. *Psico*, 38(3).
- Ramos, C. M., & Lencastre, M. P. F. (2013). O feminino e o masculino na etologia, sociobiologia e psicologia evolutiva: revisão de alguns conceitos. *Psicologia*, 27(2), 33-61, 2013. DOI: <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i2.421>
- Robertson, J. M. (2013). Teaching the Psychology of Men: Not for Classrooms Only. *Psychology of Men & Masculinity*, 14(3), 268-270. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0033259>

- Rochlen, A. B. (2005). Men In (and Out of) Therapy: central concepts, emerging directions, and remaining challenges. *Journal of Clinical Psychology*, 61(6), 627-631. DOI: <https://doi.org/10.1002/jclp.20098>
- Rother, E. T. (2007). Sistematic Literature Review X Narrative Review. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20 (2). DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Sampaio, R. S., & Garcia, C. A. (2010). Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero. *Psicologia em Revista*, 16(1), 81-102.
- Scharwz, E., Gomes, R., Couto, M. T., Moura, E. C., Carvalho, S. A. et al. (2012) Política de saúde do homem. *Revista de Saúde Pública*, 46(1), 108-116. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102012005000061>
- Scheffer, M., Pasa, G. G., Almeida, R. M. M. (2010). Dependência de álcool, cocaína e crack e transtornos psiquiátricos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 533–41. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300016>
- Schmitt, D. P., Long, A. E., McPhearson, A., O'Brien, K., Remmert, B., & Shah, S. H. (2017). Personality and gender differences in global perspective. *International Journal of Psychology*, 52(S1), 45–56. DOI: <https://doi.org/10.1002/ijop.12265>
- Silva, L. C. A., & Albertini, P. (2007). A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida. *Revista do Departamento de Psicologia UFF*, 19(1), 37–48. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000100003>
- Silva, T. M., & Amazonas, M. (2009). Identidade feminina: engendrando espaços e papéis de mulher. *Revista de Psicologia da IMED*, 1(2), 192-200. DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v1n2p192-200>
- Silva, F. C. F., & Macedo, M. M. K. (2012). A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer. *Psicologia: Teoria*

E Pesquisa, 28(2), 205–218. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000200009>

Souza, E. M., Silva, A. R. L., & Carrieri, A. P. (2012). Uma análise sobre as políticas de diversidade promovidas por bancos. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 315–326. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000200009>

Souza Neto, E. N., & Rios, L. F. (2015). Apontamentos para uma economia política do cu entre trabalhadores sexuais. *Psicologia & Sociedade*, 27(3), 579–586. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p579>

Sutter, C., & Maluschke, J. S. N. F. B. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1).

Tavares, G.P., Scheffer, M., Almeida, R. M. M. (2012). Drogas, violência e aspectos emocionais em apenados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(1), 89–95. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000100011>

Watarai, F., & Romanelli, G. (2010). Adolescentes do sexo masculino: trabalho remunerado e construção da identidade. *Psicologia Em Estudo*, 15(3), 547–556. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pe/a/Fz3TF9QdCqYvfBFscZRfJFz/>

Watts, R. J. (2010) Advancing a Community Psychology of Men. *American Journal of Community Psychology*, 45(1-2), 201-211. Doi: <https://doi.org/10.1007/s10464-009-9281-5>

Winck, G. E., & Strey, M. N. (2008). Percepções sobre o gênero em homens acusados de agressão. *Psico*, 38(3).

Zaleski, M., Pinsky, I., Laranjeira, R., Ramisetty-Mikler, S., Caetano, R. (2010) Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. *Revista de saúde pública*, 44(1), 53-59. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010000100006>

Zohrab, P. (2013). The influence of Non-legal research on legal approaches to Ex Parte domestic violence protection orders in New Zealand. *New male studies*, 2(2),